

DISCURSO DO PROFESSOR-DOUTOR VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA,
VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE DO MINHO, NA SESSÃO INAUGURAL DO
IV CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E
DOCUMENTALISTAS

Realizando-se este 4º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas na cidade de Braga, que é hoje uma florescente cidade universitária, tendo sido obreiros qualificados da sua organização diversas unidades orgânicas da Universidade do Minho - Biblioteca Pública, Arquivo Distrital e Serviços de Documentação -, constituindo o cerne do seu temário a análise das relações entre a informação, a cultura e a ciência, consideradas sob a visão prospectiva do ano 2000, mal se entenderia que a voz institucional da Universidade do Minho não se ouvisse nesta sessão solene de abertura.

Em nome da Universidade do Minho e do seu Reitor, saúdo V. Exª, Senhor Presidente da República, saúdo todos os participantes no Congresso e formulo votos para que os seus trabalhos decorram com normalidade, isto é, sob o signo do rigor, da eficácia e do empenhamento. E que o sonho e a utopia, últimas virtudes teológicas deste nosso mundo secularizado, não deixem de fulgir por entre os modelos de racionalidade organizativa, taxinómica, comunicacional, etc. que decerto os irão ocupar.

Todos vós, bibliotecários, arquivistas e documentalistas, sois os guardiões por excelência, neste caso do século XX, de uma cultura que Platão, com a sua voz de divina beleza, exautorou e condenou, em defesa de um tipo de cultura que entrara irremediavelmente em colapso no séc. V A.C., nesse esplendoroso berço do Ocidente que foi Atenas. A cultura que fenecia era a cultura primariamente oral; a cultura que nascia era a cultura escrita. A difusão crescente da tecnologia da escrita marcou então, nesse século de Péricles, o início da mais profunda e duradoura revolução cultural do Ocidente. A filosofia, a poesia, a gramática, a ciência, o direito, a política, em suma, todos os ramos e todas as manifestações do conhecimento humano foram substancialmente modificados por essa revolução.

Vós estivestes, meus caros bibliotecários e arquivistas, desde o séc. III A.C., com bibliotecários tão ilustres como Apolónio de Rodes, Clímaco e Aristarco de Samotrácia, na Biblioteca de Alexandria, lugar mítico da nova cultura escrita helénica e helenística; estivestes nas bibliotecas que Augusto fundou, uma no Campo de Marte e outra no Palatino; estivestes no scriptoria e nas bibliothecae dos mosteiros e das catedrais da Idade Média: vós fostes os stationarii das Universidades medievais; vós trabalhastes nas opulentas bibliotecas do Renascimento, como a dos Médicis e a de Clemente VII, nas quais os livros antigos conviviam com os modernos, onde os textos em grego e em latim coabitavam com os textos em língua vulgar e onde os manuscritos começaram a ter como companheiros uma novidade ainda rara no século XV - o livro impresso, fruto da invenção da ars artificialiter scribendi, vós organizastes as grandes bibliotecas reais, como a de Luís XIV de França e de Jorge III de Inglaterra; vós estivestes e estais nas grandes bibliotecas e nos grandes arquivos nacionais; nas bibliotecas fabulosamente ricas das mais

ilustres Universidades e nas bibliotecas modestas das Universidades do terceiro mundo; nas bibliotecas e nos arquivos dos grandes institutos e laboratórios de investigação; nas bibliotecas e nos arquivos distritais e municipais; nas bibliotecas e nos arquivos de empresas; em centros de documentação especializados, etc.,etc.

Ao longo de 23 séculos, morreram deuses; ruíram impérios, desabaram civilizações, descobriram-se novos mundos, novas estrelas e novas gentes; sucederam-se as guerras, as calamidades e as catástrofes; houve revoluções e profundas mutações políticas, sociais, económicas e técnicas; alteraram-se visões do mundo, valores morais e padrões de comportamento, mas o vosso labor, a vossa função e o vosso ideal continuaram substancialmente idênticos aos ilustres bibliotecários de Alexandria e de Pérgamo: salvar, conservar, tratar e difundir toda a informação produzida pelo homem, ao longo dos tempos, sob a forma de textos escritos, independentemente dos materiais e das tecnologias utilizados.

Toda a cultura, em sentido lato, é a memória não genética do homem, ou seja, é produção, conservação, transcodificação e transformação de valores de informação. A tecnologia da escrita, a revolução de Gutenberg, a revolução electrónica alteraram qualitativamente os processos de informação, modificaram o formato, a economia e a dinâmica das mensagens, colocaram à disposição dos homens novos instrumentos e novas ferramentas, mas não transformaram aquela relação essencial entre cultura e informação.

Esta relação manifesta-se sempre como tradição e como inovação: transmissão de informação já produzida, continuidade da informação, obsolescência da informação, criação de informação nova, muitas vezes através de actos ou movimentos rupturais. As próprias rupturas, porém, pressupõem sempre o conhecimento daquilo que se denega e se rejeita. As rupturas artísticas e científicas são sempre actos de cultura. A barbárie situa-se fora da esfera da cultura.

As Universidades, que no mundo contemporâneo se configuram como instituições vocacionadas por excelência para a produção e a transmissão da cultura e da ciência, têm de considerar os bibliotecários, os arquivistas e os documentalistas como elos fundamentais do seu funcionamento e do seu desenvolvimento, quer no plano do ensino, quer no plano da investigação, quer no plano da extensão cultural. As Universidades portuguesas ainda não reconheceram de modo satisfatório, em termos institucionais, esta relevância dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas, embora as Universidades novas, a meu ver, tenham contribuído decisivamente para rasgar novos horizontes neste domínio.

E como não exprimir aqui o voto - sonho de um professor que ainda acredita no poder transformador da educação! - de que todas as escolas básicas e secundárias, a partir de uma determinada dimensão da sua população discente e docente, tenham um bibliotecário que convenientemente organize e oriente a biblioteca de escola - uma biblioteca moderna, dotada com livros, revistas, jornais, videogramas, discos, etc., que constitua um efectivo, fecundo e aprazível centro de difusão cultural e científica?! As escolas de massas só são más quando não há uma política educativa e um orçamento educativo que respondam adequadamente às suas necessidades. Eu não concebo uma moderna escola de massas sem uma biblioteca; e não concebo uma biblioteca sem um bibliotecário. Custa dinheiro? Custa muito mais ao País, ao Estado, aos

empresários e aos contribuintes em geral, terem gerações escolares sucessivas de analfabetos secundários, sem identidade cultural, sem formação cívica esclarecida, sem abertura mental para a compreensão das realidades históricas, sociais, económicas e ambientais.

Senhor Presidente da República,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

A concluir, gostaria de deixar aqui a semente de outro sonho.

O incêndio das bibliotecas, a queima de livros representam na memória e na consciência dos povos civilizados a expressão consumada da barbárie, do obscurantismo e da intolerância. A criação de uma nova biblioteca, em contrapartida, simboliza a fé na cultura e no conhecimento, exprime a confiança no homem e no diálogo dos homens. Compreendo bem, a esta luz, que o grande projecto cultural que anima o Presidente Mitterrand seja a criação de uma nova e grandiosa Biblioteca Nacional em Paris.

Quando, há alguns anos, fui professor visitante numa grande universidade americana, fiquei espantado, fascinado com uma biblioteca muito especial que essa universidade possui: um belo edifício que alberga dezenas e dezenas de milhares de primeiras edições e de manuscritos preciosos de muitos escritos europeus e americanos. Essa biblioteca fora criada e era sustentada por um mecenas - um importante laboratório de especialidades farmacêuticas.

Como as Universidades Portuguesas gostariam de contar com apoios mecénaticos semelhantes, mesmo reduzidos à escola lusitana!... Parafreseando melancolicamente António Nobre, pergunto: Onde estão os Mecenas do meu País? Talvez surjam quando existir uma boa e incentivadora lei do Mecenato cultural....